

## O réveillon nosso de cada ano novo: Um megaevento em discussão

*Our New Year's Eve each year:  
A mega-event in discussion*

---

### **Cristina Nunes de Sant'anna**

Pesquisadora Pós-doutoranda do LACON-UERJ; Doutora em Ciências Sociais pela UERJ; Mestre em Ciência Política pela UFF; pesquisadora do Núcleo de Propriedade Intelectual (Nupep Uerj/Uff, Cnpq). Jornalista da Rede Reinventar Jornalistas RJ e do blog Literatura é Bom Pra Vista.

E-mail: dessantana@hotmail.com

### **Roberto Vilela Elias**

Doutorando em Comunicação Social pela UERJ, Mestre em Comunicação Social pela UERJ; Especialista em Política e Planejamento Urbano pelo IPPUR-UFRJ; graduado em Ciências Sociais pela UFRJ.

E-mail: roberto.vilela@me.com

Submetido em: 31/08/2017

Aceito em: 20/11/2017

### **RESUMO**

Este artigo objetiva trazer uma contribuição ao estudo dos megaeventos, bem como o papel das múltiplas comunicações e culturas na rotina e na memória das cidades de seus muitos atores durante e depois deste acontecimento. Cidades são representações sociais e formas de cultura, são fenômenos de comunicação compartilhados e imbricados em vastas e profundas estruturas complementares entre si, e um megaevento está entre estes fenômenos. No caso do *Réveillon* carioca, a própria cidade vira um megaevento à medida que recebe milhares de pessoas para estar em seu espaço urbano. O megaevento se propaga em explosões de comunicações e, por mais que se tente evitar, ele invade, altera rotinas e perpetua-se em memórias.

**Palavras-chave:** *Megaevento; Réveillon; Cidade; Memória; Comunicação.*

### **ABSTRACT**

This paper aims to contribute to the study of mega-events as well as the role of multiple communications and cultures in the routine and memory of the cities of its many actors during

and after this event. Cities are social representations and forms of culture; they are, in themselves, communication phenomena, shared and interwoven in vast and deep complementary structures, and a mega event is among these phenomena. In the case of Rio de Janeiro's New Year's Eve, the city itself turns into a mega-event, as it receives thousands of people to be in its urban space. The mega-event spreads in explosions of communications, and however much one may try to avoid it, it invades, changes routines and perpetuates itself in memories.

**Keywords:** *Mega-events; New Year's Eve; City; Memory; Communication.*

## Introdução

Ao eleger a cidade do Rio e um megaevento dessa cidade — o *Réveillon* — como temas deste artigo, deseja-se refletir sobre as etapas de um complexo processo de comunicação que engloba espaço urbano, formas de cultura, meios e modos de informação, alinhavados pelo papel que exerce a memória nos atores desta cidade e na própria cidade. Sem contar que tratar do *Réveillon na cidade do Rio e a cidade mesma* sob o enfoque de uma cidade reinventada em imagens, memória e diversas mídias é uma oportunidade que se tem de trazer este festejo à discussão, na condição que aqui defendemos: um megaevento, podendo-se ampliar cada vez mais o raio de pesquisas e debates sobre um tema que ainda merece, a nosso ver, ser cada vez mais bem estudado e debatido.

Cidades são representações sociais e formas de cultura. São fenômenos de comunicação compartilhados e imbricados em vastas e profundas estruturas complementares entre si, e um megaevento está entre estes fenômenos. As cidades trouxeram para si novos modos de perceber o outro e o entorno, funcionando como o eixo central para se sentir e conhecer o outro e a si mesmo, nas diferentes composições e ordenamentos das categorias sociais. As formas de comunicação contemporânea servem de articulações, e devem ser investigadas à luz da incessante circulação dos meios urbanos, com seus atores, seus afetos, seu imaginário e suas formas de vivenciar conhecimentos, porque é das cidades que, de modo geral, brotam eventos e megaeventos, fenômenos de comunicação, culturas e memórias. Megaeventos são também propagadores de ideias, produtos e marcas (Freitas, 2014)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> FREITAS, Ricardo Ferreira et al. *Megaeventos: a Alquimia Incontrolável da Cidade*. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/13129>. Acesso em: 2/nov/2014.

Uma cidade, com todo o seu cenário urbano, é fonte e caldo de cultura, fonte histórica, política, fonte de formas de poder. É produtora e produto de ações dos mais variados atores, de projetos ditos de civilização, de modernidade e de pós-modernidade. Cidades são *locus* de circulação e de representações sociais, de espaços reais, físicos e imaginários que se comunicam entre si, por intermédio de seus atores, de suas muitas e variadas culturas, de suas socializações e também de seus linguajares. É nas cidades que ética e estética se confundem e se espetacularizam, deflagradas e conflagradas pelas mídias.

### Seria um megaevento um monumento?

Uma cidade como o Rio de Janeiro, que vem sendo também cenário de megaeventos, acaba por se tornar também uma cidade monumental, onde prédios, artefatos e maquinário monumentais são construídos especificamente para abrigar e fazer funcionar um megaevento. Exemplos não faltam. Prédios-monumentos, como a Academia Brasileira de Letras e o Museu Histórico Nacional, no passado, foram edificadas especificamente para as exposições internacionais que o Rio sediou, e o próprio Museu de Arte do Rio, bem como o Museu do Amanhã, foram erigidos, no presente, dentro do projeto de revitalização da zona portuária, para a cidade receber o megaevento olímpico.

No caso do *Réveillon*, tema em discussão aqui, foram e são erguidos palcos, montadas balsas para os fogos e fabricados esses fogos. Muitos dirão que palcos são desmontados e fogos se apagam. De fato. No entanto, as mídias e as redes sociais se encarregarão de eternizá-los em nossa memória porque monumentos, vai nos dizer Le Goff, estão “destinados a fornecer à memória coletiva das nações a lembrança” (Le Goff 2006, p. 458), a fim de tais lembranças serem guardadas na memória, na formação e perpetuação da memória coletiva. Memória comunicada a todos e de uns para os outros, que se torna metaforizada nas lembranças das significações e ressignificações que desencadeia. Ora, uma cidade é espaço privilegiado de construção de práticas sociais diferenciadas entre os mais variados atores. Personifica-se em múltiplos papéis e detém múltiplas atribuições: é o habitat de políticos, fórum de promoção e intercâmbio de cultura, de construção de projetos de intervenção social. O que se têm são comunicações intermediadas pelas culturas: monumentais.

Ainda Le Goff:

A palavra latina *monumentum* remete à raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*menini*). O verbo *monere* significa ‘fazer recordar’, de onde ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação (Le Goff 2006, p. 526).

Neste sentido, um megaevento monumental, de hoje, certamente vai se manter no ontem, por intermédio da memória de todos e de cada um. A cidade também.

### Com o megaevento na memória

Megaeventos em cidades marcam a memória dos habitantes da cidade e dos que a visitam por ocasião do megaevento, bem como o próprio lugar em que habitam. Redesenham o espaço urbano e se insuflam na realidade cotidiana local dos moradores, sem pedir licença. Eventos de grande porte, inclusive, são parte da cultura e da história humana. Ricardo Ferreira Freitas e Vânia Oliveira Fortuna assinalam que:

Os grandes eventos fazem parte da história da humanidade. Dos registros mais remotos até os dias de hoje, encontramos dados volumosos de ajuntamentos de pessoas em torno de esportes, artes, política, com, obviamente, a ética e a estética da cada época. Os teatros de Atenas construídos séculos antes da era cristã já bem demonstravam a relevância do espetáculo na vida dos cidadãos (Freitas e Fortuna 2009, p. 106).

Qualquer cidade é lugar de memória, de identidade social. Cidades sediam, guardam e comunicam acontecimentos coletivos que também são do fórum individual. E quais seriam os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Quem nos responde é Michael Pollak:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa (Pollak 1992, p. 201).

A memória individual está nas histórias de vida, nas biografias, que servem à interação social e à análise das mentalidades. Memória individual que é, simultaneamente, memória coletiva (ou memórias coletivas, vindas das lembranças compartilhadas entre grupos sociais convivendo no mesmo espaço) é também a memória nacional, caldo de cultura e de identidade,

de ideologia (Pollak 1992, p. 202). Essas memórias todas convivem entre si. São representações, valores de cada um e de todos. Conhecemos nossos papéis sociais: filhos, pais, avós, cidadãos, entre outros. Acumulamos mais de um papel social e por isso somos atores ativos de construção de memória, mas também passivos, de recepção de memória, muitas vezes à nossa revelia. Por isso a memória é uma construção social, que reforça identidades individuais e coletivas. Por isso também é a cidade o espaço vivo e construído de memórias: de um povo, que é a memória pulsante de toda uma nação; de cada um de nós, a memória individual das lembranças que nos acompanham pelo curso da vida; e a memória coletiva, aquela que todos nós, juntos, compartilhamos pedacinhos e mais pedacinhos de lembranças. O que se tem numa cidade é um fluxo constante de atores com suas memórias em comunicação uns com os outros e com a memória da própria cidade, na sua arquitetura, na sua topografia, nos seus eventos e megaeventos. Todos fazem parte das histórias que a cidade e seus habitantes têm para contar. Trata-se de afetos que se trocam entre cidade e habitantes. Neste sentido, um megaevento também seria parte desta troca, ficando na memória da cidade e dos que nela circulam.

O Rio de Janeiro foi e continua a ser centro de memória urbana, categoria social responsável pela formação e perpetuação da identidade de um lugar. A cidade foi palco privilegiado dos principais conflitos e acontecimentos sociais, econômicos e políticos do país, numa palavra: eventos (e um megaevento costuma se fundar em um evento). O Rio ocupa lugar espacial e especial como fonte de memória, meio de comunicação e de propagação de memória, pois reflete, ao mesmo tempo que absorve, memórias individuais e coletivas, transfiguradas em memória nacional, cuja definição, de autoria de François Dosse, achamos por bem transcrever:

[Memória nacional] é a memória organizadíssima e constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo (Dosse 2004, p. 204).

Note-se que, ao nos determos a respeito do papel da memória em um megaevento e na memória da própria cidade, não se está falando de uma cidade qualquer. A cidade do Rio de Janeiro foi fundada em 1565 por Estácio de Sá, recebeu Dom João VI e o restante da família Real, em 1808. Viu Dom Pedro I proclamar o “Fico”, em janeiro de 1822, de uma das sacadas do Paço Imperial, e o monarca abdicar, em 1831, deixando aqui seu filho, para reinar. O Rio de

Janeiro conviveu com dois sistemas políticos: o monárquico e o republicano, passou pela Abolição da Escravatura, em 1888, e pouco mais de um ano depois, pela Proclamação da República. Passou também por 13 presidentes (com residência fixa na então capital durante seus mandatos), alguns estados de sítio (Carvalho, 1988), poucas eleições (a bico de pena). Sofreu revoltas: Armada, Vacina, Chibata, entre outras (idem). Sediou a fundação da Academia Brasileira de Letras, depositária da boa literatura e dos bons literatos, em acordo com o projeto literário-político-nacional brasileiro. Conheceu surtos de varíola, febre amarela, tuberculose, cólera e gripe espanhola. Sobreviveu ao positivismo, um dos braços da república dos militares. A cidade serviu de modelo da restauração urbana à francesa empreendida pelo prefeito Pereira Passos, no projeto *Belle-Époque* à brasileira de ordem, civilização, progresso e eugenia urbana (Lessa, 2000, p. 66-67). Foi ligado à luz elétrica e os bondes da Light chegaram às suas ruas. Sofreu os dois desmontes do Morro do Castelo, ícone histórico que serviu como seu berço. Foi cenário de greves no ainda jovem movimento operário brasileiro (Barbosa, 1987, p. 29) e de duas exposições: em 1908 e 1922.

A cidade do Rio de Janeiro foi sede de acontecimentos dos mais variados matizes, desde a sua pedra fundamental: o Morro do Castelo, que foi derretido<sup>2</sup> no que restava pelas máquinas de lama de Carlos Sampaio (1920-1922), para dar lugar à Exposição Comemorativa do Centenário de Independência do Brasil, em 1922. Foi sob o governo de Epitácio Pessoa (1919-1922) que o Brasil iria comemorar seu centenário, em 7 de setembro de 1922. Em 8 de agosto de 1920, o presidente nomeia o prefeito Carlos Sampaio, que será também responsável pelo projeto de embelezamento da cidade para a festa do Centenário. O velho Castelo já estava nas últimas desde a primeira interferência urbana do Prefeito Pereira Passos (1902-1906).

A partir da posse do presidente Rodrigues Alves, em novembro de 1902, o Rio se tornou um grande canteiro de obras. Um conjunto de iniciativas gigantescas ficaria a cargo do governo federal, por meio do Ministério de Obras Públicas, sob a responsabilidade de Lauro Muller (...). [Mas] foi o prefeito Pereira Passos que se impôs como o grande reformador do período. (...) O Ministro da Viação de Obras Públicas encarregou o engenheiro Francisco Bicalho da ampliação e da modernização da zona portuária. (...) O engenheiro Paulo de Frontin foi encarregado da abertura de um grande eixo norte-sul (a Avenida Central), ligando de mar a mar o novo porto à nova Avenida Beira-Mar, que a

---

<sup>2</sup> Quando da segunda derrubada do Morro, sob a gestão de Carlos Sampaio, a população do Rio de Janeiro assistia ao Castelo e à sua história virarem, literalmente, lama, por causa das potentes e modernas mangueiras hidráulicas, que punham o morro abaixo. A lama era jogada no mar.

prefeitura construía. (...) Os recursos para as realizações dessas obras vieram da Casa Rothschild, mas chegaram, de certo modo, tarde. O porto do Rio deixara de ser, desde 1892, o mais importante do país, perdendo espaço para o de Santos. A obra que se tornaria um emblema do conjunto dessas reformas seria a Avenida Central (hoje Rio Branco) teve seu traçado concebido pelo próprio ministro. A avenida, com seus hotéis, lojas, cinemas, empresas, grandes edifícios, condensava a própria imagem da vida moderna com seu dinamismo e sua arquitetura cosmopolita (Pereira 2010, p. 155).

Quatorze anos antes, porém, a cidade-capital da Primeira República sediou outra exposição, outro megaevento: a exposição que comemorava o centenário da abertura dos portos às nações amigas, quando da chegada de Dom João VI, em 1808. Na segunda metade do século XX, a cidade foi palco da Copa de 1950, de etapas do Mundial de Fórmula 1 (1978 a 1989) e de duas edições do Rock In Rio (1985 e 1991). Recentemente, o Rio sediou mais quatro edições do Rock In Rio (2001, 2011, 2013 e 2015), os Jogos Pan-americanos em 2007, a Copa de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Estes espetáculos, no sentido primordial do termo — que é o que atrai a atenção, chama e prende o olhar — esta espetacularização de fatos, acontecimentos, narrativas, transformações e refundações do espaço urbano, não poderiam atribuir ao Rio Janeiro, a denominação de cidade-megaevento? Megaevento de si mesma, em termos de atos de comunicação e de formação de culturas e memórias? Um megaevento não poderia muito bem evocar de forma metafórica traços e problemas da memória nacional-histórica e da memória social, comunicando em linguagem especial e específica, o produto da sociedade e da memória dessa sociedade aos atores participantes desse mega-acontecimento, que exercem, sem o saber, o papel de uma espécie de opinião pública?

Lembremos ainda que a cidade já foi ex-corte imperial e ex-capital federal. São em cidades-capitais, por exemplo, que se estabelecem rumos e projetos para o país, pois são sedes de poder de decisão. Le Goff considera uma cidade capital aquela que “se torna o eixo do mundo celeste e da superfície humanizada e o ponto focal de uma política de memória.” (Le Goff 2006, p. 419).

### E o que seria um megaevento?

A literatura sobre a definição do que é um megaevento não é muito vasta. De acordo com J. Brito e N. Fontes (2002, p. 59) um pequeno evento conta com até 20 participantes, um

médio evento com 200 a 500 participantes e um grande evento com mais de 500 participantes. Quanto ao conceito de megaevento, são poucas as referências encontradas. Malena Contrera e Marcela Moro (2008) utilizam o conceito “mega” para eventos com mais de 10 mil participantes. Trata-se de uma abordagem interessante e perspicaz, porém, levando em consideração que existem projetos culturais que aglomeram 10 mil pessoas – sem, contudo, haver mobilização social, nem repercussão na mídia –, preferimos denominá-los como eventos de grande porte, não megaeventos.

Sendo assim, utilizaremos a denominação megaeventos para encontros que repercutem na mídia antes, durante e depois do acontecimento, despertando o interesse de milhares ou até milhões de pessoas. Mais do que a presença física, levamos em conta se o evento teve alcance de público pelos meios de comunicação de massa, pelas redes sociais e como a população o vivenciou.

A apropriação que o cidadão faz dessas mensagens é fundamental para a promoção de um megaevento, a partir do momento em que este gera um tipo de sociabilidade distinta do cotidiano, uma dinâmica social voltada para aquele momento. Essas mensagens são dispositivos, máquinas de produção de realidades. “Seria preciso considerar, portanto, que existe entre as coisas do mundo uma espécie de transversalidade, de correspondência ou ainda uma afetação recíproca” (Gonçalves, 2009, p.102). O megaevento seria o indício de uma conexão que envolve fundamentalmente: espaço, sociedade e mídia. A convivialidade que se instaurou na cidade do Rio de Janeiro durante o Pan 2007 e durante a Copa exemplificam isso.

A população e os turistas lotaram as competições e as ruas, desfrutando de uma sociabilidade desenvolvida especialmente em momentos festivos. [...]. Entra em cena um homem plural que se alimenta de múltiplas identificações e quer perder-se num conjunto mais amplo de sensações. Essa perda se expressa, entre outros exemplos, em um megaevento (Freitas e Fortuna 2009, p. 111).

Um megaevento não se restringe ao tempo de sua duração. Ele vai além. Começa antes de sua abertura oficial e termina após o seu encerramento formal. O que possibilita essa extensão da duração de um megaevento é justamente o fator mídia, ou melhor, as reverberações midiáticas que ele proporciona. Os impulsos coercitivos de um megaevento acabam sendo estas próprias reverberações. São, portanto, os meios de comunicação de massa,

em suas mais variadas formas, que potencializam a magnitude de um megaevento e, nos últimos tempos, as redes sociais têm ocupado papel importante nesta reverberação.

### O Réveillon, de onde veio?

No cenário mundial de festividades que marcam a passagem de ano, a cidade do Rio de Janeiro tem uma das mais famosas comemorações: a queima de fogos na praia de Copacabana. Transmitida para o mundo inteiro com ares de espetáculo, o *Réveillon* da Princesinha do Mar é um dos principais megaeventos da metrópole carioca, juntamente ao carnaval.

O *réveillon* pode ser entendido como um ritual de passagem que marca o encerramento de uma etapa e o início de outra, um novo ano, um novo começo. A expressão origina-se do francês: o verbo *réveiller* significa despertar. Desde que o calendário gregoriano foi promulgado pelo papa Gregório XIII em 1582, o ano novo é festejado na passagem do dia 31 de dezembro para o dia 1º de janeiro. Ao longo da história, antes da adoção do calendário gregoriano, a passagem de ano já foi comemorada em outras datas geralmente alusivas aos ciclos lunares, bem como festejando uma nova colheita de grãos e frutos. Nesses casos, a data não coincidia com o dia 31 de dezembro. Hoje, o calendário gregoriano é adotado pela maioria dos países do mundo, com raras exceções.

No Rio de Janeiro o show pirotécnico na praia de Copacabana apresenta-se como o ápice da comemoração. Instaure-se na cidade um clima eufórico, e pouco importa saber as origens da festa, sua história ou o que quer dizer *réveillon*, mas sim a vivência intensa do momento, o desfrutar e compartilhar emoções, o estar junto, fotografar, guardar, perpetuar, compartilhar na memória as imagens daquela festa, daquele megaevento.

Na virada de 2016 para 2017, por exemplo, ainda que a queima de fogos tenha sido reduzida de 16 para 12 minutos por conta da crise econômica que a cidade sofre, uma multidão se reuniu em Copacabana para assistir ao show pirotécnico. Onze balsas dispararam 18 toneladas de fogos. A Prefeitura do Rio gastou R\$ 5 milhões, e a festa teve dois milhões de participantes, tal qual 2016, segundo noticiaram os jornais o Dia e o Globo na ocasião.

No caso do *Réveillon* carioca, a cidade inteira sofre alterações antes da noite de 31 de dezembro. O bairro de Copacabana é fechado ao tráfego de veículos particulares, linhas de ônibus têm o seu itinerário modificado, bares e restaurantes adotam outro regime de

funcionamento. A própria cidade vira um megaevento à medida que recebe milhares de pessoas para estar em seu espaço urbano, ver sua topografia e acorrer ao megaevento que sedia. Megaevento que invade e altera a rotina dessa cidade porque quem nela estiver será afetado de algum modo pela festa. Mesmo os que não vão participar dela. A tevê vai narrar a festa, o rádio também, os jornais. Todas as mídias vão. As redes sociais também. De alguma maneira, o megaevento vai se propagar em explosões de comunicações entre todos: troca de fotos, mensagens, *memes*, filmagens. Uma megacomunicação ou megacomunicações estarão no ar e nas ruas. Por mais que se tente evitar, o megaevento invade e altera rotinas, além de se perpetuar em todas as memórias. Todos farão fotos, para depois contar como foi a festa e, quem sabe, voltar à cidade para repetir a experiência megaevento. Vão guardar de cor o que assistiram. Lembrar, guardar de cor, vai desencadear um processo contínuo de comunicação e cultura, que entrelaça sentimento e racionalidade, tendo como pano de fundo a construção da memória. Marcelo Franz trata a respeito:

(...) a palavra latina ‘corde’ (coração) pode remeter a um sentido primordial de afetividade (no caso, memória afetiva) que é mais destacado que nos outros termos. Isso persiste mesmo quando se sabe que, diferentemente do que pensavam os antigos, o coração não só não tem “afetos” como não os guarda. A afetividade do coração é hoje uma metáfora aplicável à prevalência do intuitivo sobre o racionalizado, e todos sabemos que a memória é em muitos sentidos assim (Franz 2006, p. 46).

### E quando que tudo isso começou?

Foi na década de 1990 que o *Réveillon* na praia de Copacabana se transformou num megaevento mundialmente conhecido e badalado. Mas nem sempre foi assim. Nos idos dos anos 1960 os jornais noticiavam o “Deprimente culto à Iemanjá” (*O Globo*, 2/1/1962) nas praias da cidade, destacando o “acinte” ocorrido no Posto 6, de onde um barco com oferendas foi lançado ao mar. Até então não se encontravam notícias referentes aos cultos de religiões africanas nas praias da cidade, somente às missas de ação de graças. Certamente, os cultos de umbanda e candomblé realizados na orla, dia 31, já ocorriam antes. Mas só passaram a ocupar espaço na mídia a partir da década de 1960 e, em geral, com um enfoque depreciativo. Foi na década de 1970 que o *réveillon* na praia de Copacabana começou a ganhar alguma projeção. Nos jornais, já há notícias de que alguns terreiros de umbanda se deslocavam para outras

praias – como a Barra da Tijuca e Guaratiba – a fim de praticar seus rituais longe dos curiosos. Era nas praias que ocorriam os rituais em homenagem à Iemanjá, executados pelos terreiros de umbanda com seus cantos, batuques e barquinhos de oferendas lançados ao mar. Também havia consulta espiritual aos interessados que formavam filas pela areia de Copacabana. Na virada de 1976 para 1977, três mil terreiros se espalharam pela orla carioca.

No *réveillon* de 1978, a Companhia de Transportes Coletivos (CTC) divulgou em seu balanço ter transportado 427 mil passageiros na noite do dia 31/12/1977, só na Zona Sul. Para tanto, contou com um efetivo de 400 ônibus nessa região da cidade a fim de evitar filas e aglomerações nos pontos (*O Globo*, 2/1/1978). Faltando 3 horas para a chegada de 1978, o rei Momo fora coroado em frente ao Hotel Miramar, em plena Avenida Atlântica, ao som da banda da Rua Sá Ferreira. O evento reuniu mil pessoas que, depois, ficaram pela orla aguardando o momento da virada. A presença dos terreiros de umbanda, sempre marcante, reuniu multidões de pessoas ao longo dos 87 km de praias do Rio. Os devotos de Iemanjá faziam preces, despachos com oferendas, ou simplesmente observavam os rituais e festejavam a passagem de ano.

Um congestionamento de grandes proporções parou o trânsito da cidade entre o Leme e a Barra da Tijuca, o que, além de prejudicar a locomoção das pessoas, causou muitos acidentes. Nessa época não havia nenhum esquema especial de tráfego para o dia 31, a fim de evitar a entrada de automóveis em Copacabana ou nas avenidas que margeiam a orla da cidade. É interessante notar que até aqui a queima de fogos em Copacabana não era um assunto recorrente nos jornais. Comentava-se pontualmente sobre um bar, restaurante ou hotel na avenida Atlântica, que, por conta própria, havia soltado fogos de artifício, para saudar o Ano Novo, que ainda se chamava “Ano Novo”.

Na virada de 1981 para 1982 houve uma inovação na festa do Copacabana Palace que representou, de certa forma, a origem do megaevento. Na intenção de promover ainda mais o evento no Copa, o empresário Ricardo Amaral decidiu transferir a queima de fogos do terraço do hotel para a faixa de areia da praia em frente. Seu tino empresarial surtiu efeito, e o baile do Copa naquele ano lotou como há tempos não acontecia. Grande quantidade de pessoas ficou por ali para poder ver de perto o espetáculo. Pronto. Terminara o Ano Novo e havia começado a se estruturar o megaevento *Réveillon*. Semiologia pura.

Nos anos seguintes, outros empresários adotam a ideia de Amaral e, em vários pontos da praia, há queimas de fogos patrocinadas por restaurantes e hotéis da orla, como o *Le Méridien*, por exemplo, atraindo mais e mais pessoas. O *Réveillon* de Copacabana entrava no calendário turístico da cidade, e o centro da cidade, até então local em que havia comemorações, ficou esquecido.

Em 1986, o hotel *Le Méridien* inovava, lançando fogos do seu terraço. O espetáculo durou 45 minutos. Algumas caixas de som montadas pela Rádio Globo ao longo da Avenida Atlântica tocaram valsas à meia-noite a fim de marcar a passagem de ano. O jornal *O Globo* do dia 2 de janeiro de 1987 noticiava mais uma vez que um grande engarrafamento tornava o trânsito na Zona Sul um caos, prejudicando substancialmente a locomoção das pessoas e causando inúmeros acidentes.

A chegada de 1988 marcou um show pirotécnico no bairro em Copacabana: *O Méridien*<sup>3</sup> lançou sua cascata de fogos, com 118 metros de comprimento por 42 metros de largura. O Copacabana Palace iniciara o espetáculo da queima de fogos, seguido da churrascaria Marius, do Forte de Copacabana (no Posto 6), do hotel Rio Othon Palace e da boate Help. A orla se iluminou numa explosão de cores. As comemorações reuniram 2 milhões de pessoas. A *Rádio Globo* instalou 400 caixas de som ao longo da orla. No repertório, samba, *Beatles* e Villa-Lobos. O Ano Novo deixava de existir. Nascia o megaevento *Réveillon* em Copacabana, que, pela primeira vez, recebeu apoio da prefeitura, por intermédio da Riotur. A empresa instalaria nos *réveillons* seguintes um sistema de iluminação nas praias e montaria um esquema especial de trânsito. Por fim, a prefeitura fecharia o acesso a Copacabana no dia do megaevento a carros particulares, para tentar ordenar o trânsito.

O poder público municipal, sob a gestão de Saturnino Braga, também espalharia artefatos em seis pontos estratégicos da areia, que se somariam aos demais, aumentando exponencialmente a grandeza e o caráter *mega* do espetáculo. No início dos anos 1990, com o prefeito Marcello Alencar, não houve grandes novidades relativas à agenda da festa. Foi a partir de 1993, na administração de César Maia, que modificações consideráveis ocorreram: pontos de localização dos fogos na areia da praia passaram de 6 para 10. A prefeitura também

---

<sup>3</sup> A cascata do hotel *Le Méridien* fez história e memória em corações e mentes até 2001, quando foi proibida pelo Corpo de Bombeiros, sob alegação de problemas de segurança.

organizou shows na praia, com cantores e baterias de escolas de samba, além da Orquestra Tabajara. O espetáculo reuniu mais de um milhão de pessoas, segundo o jornal *O Globo*.

O *réveillon* de 1995 tornou-se internacional, com o show do cantor norte-americano Rod Stewart. Ainda segundo *O Globo*, 3,5 milhões de pessoas foram à praia de Copacabana assistir à festa. A prefeitura aumentava o cacife do evento: desta vez, seriam 2,5 toneladas de explosivos, espalhados por dez pontos da areia da orla de Copacabana.

Em 1999, a abertura da Linha Amarela levou muitas famílias à praia da Barra da Tijuca. Mesmo assim, em Copacabana, 2,5 milhões de pessoas se concentraram na orla para ver a queima de fogos, que durou 12 minutos e teve 14 cores diferentes.

Pelo exposto, fica evidente que o processo de espetacularização e ampliação cada vez maior das festividades de Ano Novo na cidade do Rio de Janeiro não parou de crescer ao longo do século XX. Nas décadas de 1910 e 1920, por exemplo, a festa de Ano Novo se mostrava um evento popular e intimamente ligado ao samba – uma espécie de pré-carnaval. Havia também os bailes de gala nos clubes mais elitizados e nos hotéis luxuosos, mas nesses locais o samba não era bem-vindo. É a partir dos anos 1940 que a comemoração começa a migrar para a Zona Sul da cidade, notadamente a praia de Copacabana, mas ainda sem romper suas raízes populares com a festa que havia na Cinelândia. De meados da década de 1970 em diante é que notamos um esvaziamento da comemoração do Ano Novo na região central do Rio, que foi migrando para o bairro de Copacabana, ganhando estofos e fama, num processo irreversível. Nos anos 1980 os fogos passam a ser parte fundamental da festa, e os patrocinadores pioneiros do espetáculo na areia são o hotel Copacabana Palace (1981) e a churrascaria Marius (1982), no que se pode chamar de semente de um megaevento.

### Considerações finais

É durante a primeira gestão do prefeito César Maia (1993-1996) que a passagem de ano em Copacabana torna-se, de fato, um megaevento, com ampla cobertura midiática sobre todos os preparativos para o *Réveillon*: detalhes da queima de fogos, entrevistas com os artistas que farão os shows na praia, a chegada dos turistas nacionais e estrangeiros à cidade nos primeiros dias após o Natal e, nos dias subsequentes, o saldo da festa.

A prefeitura, por sua vez, passou a tratar o *Réveillon* de Copacabana como um produto, e a estimular o seu consumo. Assim, aumentou a quantidade de fogos de artifício, investiu na realização de shows musicais com artistas de renome – como Rod Stewart em 1995 – além de veicular a festividade em todo tipo de mídia, a fim de atrair turistas e investimentos para a cidade.

O *Réveillon* de Copacabana ganha, então, ares espetaculosos concomitantemente à sua midiaticização. Não que antes a festa fosse algo menor, mas é a partir da sua massificação pelos meios de comunicação, notadamente a televisão e os jornais impressos, que o *Réveillon* da *Princesinha do Mar* torna-se um megaevento mundialmente famoso, desejado e lembrado de cor, bem como a cidade que o sedia: o Rio de Janeiro. Os participantes mostram seu deslumbramento e encantamento com o espetáculo. Hotéis cobram caríssimo pela estada na época, a cidade costuma ficar lotada. Um transporte de massa, como o metrô, vende antecipadamente bilhetes para o *Réveillon* da praia de Copacabana. Só aqueles que possuem os bilhetes, passaportes exclusivos para o megaevento, poderão desembarcar em Copacabana antes do início da festa. Grupos acampam na praia para garantir lugar, com dias de antecedência. Uma multidão vai inundar a praia, à medida que a noite do megaevento se aproxima. Há shows da virada transmitidos pela tevê. Há um contágio generalizado pelo clima da festa, atingindo um número de pessoas muito maior do que aquele que participará da comemoração. Este estado de êxtase vem confirmar a amplitude monumental de um megaevento e também seu poder de ser guardado na memória das gentes, pois sua categoria hiperbólica ficará na memória — que é construída e feita de sentimentos e emoções, repetindo-se ano após ano. É a subjetividade que passa também a fazer parte deste jogo entre memória, racionalidade e afetos, fortalecendo a própria essência de um megaevento e de sua singularidade, pois no decorrer deste gigantesco complexo de signos, estão sendo estabelecidos e entrelaçados novos formatos, formas e apetrechos de comunicação e de expressões culturais.

Considerou-se relevante encerrar este artigo com os comentários de Alain Mons. Ao delinear um estudo sobre espaço, metáfora e imagens, referindo-se às comemorações pelo bicentenário da Revolução Francesa, Mons (s/d) aponta uma lógica patrimonial, que seria a reativação dos valores da Revolução Francesa, aliada a uma racionalidade da memória (a chamada História de longa duração), bem como a uma racionalidade de comunicação pela

publicidade, que é de curta duração (Mons, s/d, p. 109). Presentifica-se o passado, recortado, entretanto, em mensagens que se desejam passar, na instantaneidade de duração da festa, do evento, que foi comunicado aos habitantes e que se passou e se passa de novo no espaço da cidade, reconstruído especialmente para a festa. Nesta mistura de tempos e de espaços, Mons acrescenta que:

É provável que o acontecimento do Bicentenário, por todas as suas componentes, represente a metáfora do estado actual do Político (...), [pois] desde sempre que os 'operadores' modelam o poder, indicam seu lugar, quer seja por meio dos dispositivos simbólicos, das práticas sociais, das regras do ritual, das elaborações do imaginário (Idem, p. 109-110).

Mons chama tais operadores de “gestores da aparência” (Idem, p. 112), uma vez que a qualidade do objeto mostrado, que trata do passado, ganha a atualidade das ferramentas do presente, para se perpetuar por mais tempo e mais fortemente na imagem mental das gentes, sob os auspícios do novo gestor de aparências, aquele que nos faz lembrar o passado, que o traz de volta, metaforizado em presente daquele acontecimento social. No caso aqui, daquele megaevento.

### Referências bibliográficas

ABREU, Mauricio de. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. IPP, 2008.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. SP: Martins Fontes, 1983.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. SP: Cia das Letras, 2009.

BRITO, Janaina; FONTES, Nena. *Estratégias para eventos: Uma Ótica do Marketing e do Turismo*. São Paulo: Ed. Aleph, 2002.

CARVALHO, Delgado. *História da Cidade do Rio de Janeiro*. RJ: Biblioteca Carioca, 1988.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2011.

CONTRERA, Malena Segura. *Mídia e Pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. São Paulo: Ed. FAPESP, 2002.

CONTRERA, Malena e MORO, Marcela. *Vertigem Mediática nos Megaeventos Musicais*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v. 11, n. 1, jan./abr 2008.

DOSSE, François. “A oposição História/Memória”. In:\_\_\_\_\_. História e Ciências Sociais. SP: Edusc, 2004. p. 169-191.

DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. In: GIANNOTTI, José Arthur. *Os Pensadores: Émile Durkheim*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978.

ENDERS, Armelle. *História do Rio de Janeiro*. RJ: Gryphus, 2008.

FRANZ, Marcelo. *A Inquietude da Memória*. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FREITAS, Ricardo Ferreira. *Rio de Janeiro, lugar de eventos: das exposições do início do século XX aos megaeventos contemporâneos*. In: XX Encontro da Compós, Porto Alegre, 2011.

\_\_\_\_\_; NACIF, Rafael (orgs.). *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

\_\_\_\_\_; FORTUNA, Vania Oliveira. O Rio de Janeiro continua lindo, o Rio de Janeiro continua sendo um grande palco de megaeventos. In: FREITAS, Ricardo Ferreira; BORELLI, Silvia H. S. (Orgs.) *Comunicação, narrativas e culturas urbanas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-SP, 2009. p.99 -117.

\_\_\_\_\_. *Comunicação e Espaços Urbanos: Relação Essencial à Contemporaneidade*. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/13368/10239>. Acesso em: 4 de dezembro de 2014.

GAGNEBIN, Marie Jeanne. *O Rastro e a Cicatriz: Metáforas da Memória*. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/39-dossie-gagnebimjm.pdf>. Acesso em: 12 de março de 2012.

GONÇALVES, F. N. Tecnologia e cultura: usos artísticos da tecnologia como prática de comunicação e laboratório de experimentação social. *Revista FAMECOS*, v.1, p. 100-110, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. SP: Centauro, 2006.

LEFEBVRE, Henry. *O Direito à Cidade*. SP: Centauro, 2004.

\_\_\_\_\_. *Por Amor às Cidades*. SP: Editora Centauro, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. SP: Unicamp, 2006.

LE MOS, Maria Teresa e MORAES, Nilson (orgs.). *Memória, Identidade e Representações*. RJ: 7 Letras, 2000.

LESSA, Carlos. *O Rio de Todos os Brasis [Uma Reflexão Sobre Auto-Estima]*. RJ: Record, 2000.

- MAUSS, Marcel. 1981. "A Expressão Obrigatória dos Sentimentos". In: S.A Figueira (org.), *Psicanálise e Ciências Sociais*. RJ: Francisco Alves. pp. 56-63.
- MENESES, Ulpiano T. *A História, Cativa da Memória?* SP, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 1992, p. 9-23.
- MONS, Alain. *A Metáfora Social – Imagem, Território, Comunicação*. Porto: Rés Editora, s/d.
- POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, volume 2, nº 3, 1989, p. 3-15.
- \_\_\_\_\_. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, volume 5, nº 10, 1992, p. 200-212.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. SP: Annablume, 2003.
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. SP: Unicamp, 2007.
- VELHO, Gilberto (Org.). *Arte e Sociedade – Ensaio de Sociologia da Arte*. RJ: Zahar, 1977.
- \_\_\_\_\_(coord.) *O Desafio da Cidade – Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira*. RJ: Campus, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Um Antropólogo na Cidade – Ensaio de Antropologia Urbana*. RJ: Zahar, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Projeto e Metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas*. RJ: Zahar, 2003.
- VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O Fenômeno Urbano*. RJ: 1967.